

**PDL**

**Walmir Arantes da Rosa**

Requisito parcial em cumprimento as exigências do programa de mestrado em liderança da Andrews University

PDL

Plano de Desenvolvimento de Liderança



1. **Visão Narrativa**

**Meus dois nascimentos**

Meu primeiro nascimento ocorreu no dia 25 de fevereiro de 1972 na cidade de Campo Grande, MS. Sou filho de Walter Pereira da Rosa e Sergina Maria Arantes da Rosa. Tive quatro irmãos e sou o penúltimo filho. Sergio, Walder e Sandra nasceram antes de mim e Valéria é a filha caçula.

Quando eu era bebê, um motorista perdeu o controle do caminhão carregado de refrigerantes e rompeu a cerca de madeira que havia na frente da casa em que morávamos, chocando-se violentamente contra a parede do quarto onde estava o meu berço. Pedaços de reboco e tijolos caíram sobre o berço, mas, minha mãe havia me retirado do berço alguns minutos atrás e me levado para a lavanderia onde ela estava.

Tive uma boa infância. Mas até os cinco anos de idade, meus pais não eram convertidos. Minha mãe era católica e meu pai havia se apostatado da igreja metodista, bebia e fumava muito. Nós não gostávamos quando o pai bebia, pois ele corria atrás de nós pela rua e para retirar as nossas calças.

Os nossos vizinhos, família Rolim e o irmão Mira foram marcantes na história da conversão da minha família. Durante a Semana Santa de 1977, a família Rolim realizou, em sua casa, uma programação especial alusiva ao sacrifício de Jesus Cristo. Fomos convidados a participar, mas inicialmente meus pais não foram, apenas eu e meus irmãos começamos a participar da programação. Minha avó nos levava a cada noite. Em um dia, no meio da semana, meu pai decidiu passar na casa dos vizinhos para assistir a programação e ver se realmente era tão boa quanto seus filhos falavam. Gostou e convenceu minha mãe de ir também.

No final da semana, o evangelista José da Silva Mira, que estava dirigindo a programação, ofereceu-se para estudar a Bíblia com toda a nossa família. Durante seis meses nos reuníamos semanalmente em um grupo de dez pessoas para cantar, estudar a Bíblia e aprender sobre o Reino de Deus. O irmão Mira, sua esposa Erce e sua filha Martinha tomavam dois ônibus circulares para estarem em nossa casa todos os sábados à tardinha. No dia 09 de outubro, de 1977, meus pais foram batizados.

O coração do irmão Mira estava inundado de amor a Deus e às pessoas que Deus desejava alcançar por meio dele. No compartimento mental das minhas imagens de infância, guardo lembranças da sua simpatia e amor ao nos ensinar sobre Deus.

Semelhantemente, Deus inundou o coração dos meus pais com a Sua graça. Eles tinham prazer e muita disposição para caminhar longas distâncias, no sábado à tarde, a fim de ensinar a família de Desiderio Prado e outras famílias sobre o amor de Deus por eles. No dia 31 de dezembro, de 1978, a família de Desiderio Prado foi batizada. Ano após ano, mais e mais famílias passaram a fazer parte do Reino de Deus por influência e trabalho missionário dos meus pais.

Três anos depois, eu e meus três irmãos mais velhos fomos batizados, restando somente minha irmã mais nova que tinha apenas 6 anos de idade. Eu tinha 8 anos e meu pai achava que eu era muito novo para ser batizado. O pastor teve a idéia de fazer um teste para avaliar o meu preparo. No fim, meus pais concordaram em que eu fosse batizado. Creio que os conhecimentos necessários para ser aprovado pelo pastor vieram do acompanhamento que eu fazia com os meus pais todos os sábados à tarde para dar estudos bíblicos. O meu novo nascimento aconteceu no dia 20 de dezembro de 1980. Fui batizado na Igreja Central de Campo Grande pelo pastor Clodoaldo Barbosa. Foi nesse período do meu batismo, aos oito anos de idade, que senti pela primeira vez o desejo de ser pastor.

Aos sábados à tarde quando eu tinha cinco anos o irmão Mira passava um bom tempo lá em casa em um grupo de estudos da Bíblia. Como disse, depois do batismo dos meus pais, eu os acompanhava nos grupos de estudos que eles dirigiam. Hoje reconheço que isso contribuiu grandemente para o meu desenvolvimento como líder discipulador voltado para ajudar as pessoas a conhecerem a Cristo e serem desenvolvidas à maturidade espiritual.

**Duas influências e duas perdas**

Um dia depois do meu batismo nos mudamos para o outro lado da cidade, para o Bairro Guanandi. E passamos a freqüentar uma igreja dinâmica que continha muitos juvenis e jovens. A despeito de a igreja do Bairro Guanandi ser uma igreja favorável para o desenvolvimento de juvenis e adolescentes, o bairro, em si, era pesado, nossa casa estava cercada de bares e más influências. Meus irmãos mais velhos começaram a se envolver com os garotos malandros do Bairro, saíram da igreja e começaram a beber e a fumar. Algumas vezes, policiais estiveram em casa revirando tudo em busca de drogas e armas.

Um dia os meus dois irmãos, unidos a outros colegas, me cercaram e me obrigaram a beber um copo de Vodka. Eu não tinha como e nem para onde fugir. Virei o copo de Vodka e tomei como água. Aquela bebida desceu queimando a garganta e o estômago. Sai correndo para beber água. Nunca quis colocar bebida alcoólica na boca. Hoje eu agradeço a Deus por aquele grupo ter usado Vodka para tentar me ensinar a beber, pois se fosse um vinho doce ou batidinha de côco, talvez eu tivesse gostado, e me viciado em bebidas.

Por ser o mais novo fui preservado da má influência. Meus irmãos não gostavam da minha presença na realização das suas façanhas, pois tinham medo de eu delatá-los para o pai e eles serem punidos. Outro fator que contribuiu para que eu fosse preservado de me tornar um malandro ou viciado em coisas nocivas foi participar ativamente do Clube dos Desbravadores. Dois líderes marcaram a minha fase juvenil: Alceu Kót e Venilton Rocha. O envolvimento em atividades próprias para a minha idade e que me ensinavam bons valores e costumes mantiveram-me ocupado com coisa útil. Por fim, a colportagem deu a sua contribuição. Meu pai era colportor evangelístico e trouxe um texto com a oferta da coleção Bíblia Sonora para os meus irmãos decorarem, pois seu plano era que meus irmãos saíssem com ele para trabalhar. Eu insisti que também gostaria de colportar. Meu pai me achava muito novo (eu tinha doze anos), mesmo assim trouxe-me o texto. Decorei e comecei a trabalhar com o meu pai. Ele me ensinou muitas coisas enquanto caminhávamos pelas ruas colportando.

Durante os dias da semana eu saia com o meu pai, de casa em casa, para vender livros e discos educacionais infantis. Aos fins de semana eu estava envolvido com as atividades do Clube de Desbravadores. Essas duas influências serviram de base para a minha formação e serviram de proteção conta as más influencias que eu recebia da vizinhança e dos meus irmãos mais velhos que já estavam mergulhados em uma vida de maus hábitos e malandragem.

No Clube de Desbravadores e na colportagem fui ensinado a liderar. O trabalho em equipe nas unidades do Clube e as funções de liderança que exerci contribuíram para o meu desenvolvimento como pessoa e como líder. Fui secretário, capitão e conselheiro de unidade. Fui instrutor, diretor associado e diretor do Clube de Desbravadores. Já a colportagem contribuiu com o meu desenvolvimento em comunicação e relacionamento interpessoal. Meu pai me passava dicas de como eu deveria me vestir, como deveria me pentear e como deveria me apresentar diante das pessoas para vender para elas. O envolvimento nessas duas atividades foi fundamental para aprender os valores da vida cristã.

Aos quatorze anos eu perdi o meu irmão mais velho. Ele começou sentir coceira nas pontas dos dedos e o diagnóstico foi trombose em seu braço esquerdo, por conta do cigarro e das drogas que ele usava. As artérias do braço estavam entupidas. Iniciou um tratamento, mesmo assim, fumava escondido. Submeteu-se a uma cirurgia para o desentupimento das artérias, mas, seu corpo debilitado não suportou e faleceu no ano 1986. Esse acontecimento impactou minha vida. Eu sabia que havia perdido meu irmão por conta das más influências que ela havia recebido e do estilo de vida que levava.

Neste mesmo ano, nos mudamos para Dourados, onde meu pai assumiu o campo de assinatura da Revista Nosso Amiguinho da região sul. Dois anos depois o meu pai faleceu. Eu estava dormindo em um domingo pela manhã na véspera do meu aniversário. Meu pai estava internado no hospital e havia melhorado no dia anterior. Inclusive se alimentado. Coisa que não fazia a dias. Ao acordar, demorei um pouco para entender e sentir o baque. Naquele dia viajei 220 km ao lado do seu corpo na ambulância da prefeitura até Campo Grande onde foi sepultado. Perdi meu pai na adolescência, no momento da minha vida em que mais precisava dele.

**Duas instituições e dois mentores**

Permaneci em Dourados até 1989, no ano seguinte fui estudar no IAP. O desejo de ser pastor estava cada vez mais forte em minha mente. Escolhi estudar Magistério no curso de segundo grau, pois me ajudaria a ser mais didático e pedagógico no ministério pastoral. Ao terminar o segundo grau eu iria para o IAE estudar Teologia. Esse período de um ano e meio no IAP me ajudou a amadurecer em Cristo e me tornar um pregador. Chegando ao IAP fui informado de que os alunos que não eram bolsistas tinham de realizar uma atividade diária de 1h30 de duração denominada “hora educativa”, fui designado para trabalhar no jardim. No segundo dia, porém o preceptor me chamou e me concedeu outra atividade, liderar um grupo de juvenis na execução do culto matutino. Todas as manhãs eu estava ao lado de um grupo de aproximadamente 20 juvenis, estudando a Bíblia e influenciando de alguma maneira a vida deles. Outras duas atividades de impacto em minha vida durante i período em que estudei no IAO foi participar do Clube de Desbravadores Órion como diretor associado e a cada sábado pela manhã assistir as reuniões do GAME (Grêmio de Aspirante ao Ministério Evangélico), para aprender a pregar.

O diretor de publicações da Associação Sul Mato-Grossense havia me designado como recrutador de estudantes para colportar no Estado. Dois meses antes do primeiro período de férias, o líder da equipe que eu estava recrutando não poderia mais liderar a equipe e o pastor Marley Milton Nyland acreditou em mim e convidou-me para liderar a equipe de colportagem da ASM. Nos dois períodos de férias seguintes (julho e dezembro de 1990), liderei campanhas de colportagem estudantil, uma em Corumbá e outra em Dourados/Campo Grande, respectivamente. No final dessa campanha de Campo Grande um colportor fugiu no dia dos acertos e eu tive que arcar com suas despesas, o que me onerou em 70% o valor do estipêndio que eu deveria pagar no colégio. Deixei o IAP antes de concluir o curso e consequentemente a meta de estudar teologia foi adiada.

Fui para Campo Grande, MS. A grade curricular diferenciada do curso que eu fazia não permitiu continuar o curso em Campo Grande. Tive que reiniciar o segundo grau. Optei por fazer supletivo. Ainda mantinha o propósito de estudar teologia, mas, fiquei meio perdido em Campo Grande. Nesse período, o pastor Jonas Prado me levou para morar em sua casa e fui o meu discipulador. A maneira como ele vivia serviu de parâmetro para mim. Aprendi com sua autenticidade, honestidade e dedicação. Seu trato com os filhos, com a esposa e especialmente seu ministério me influenciaram muito positivamente. Ele se importou tanto comigo que me chamou de filho. Quase vinte anos se passaram, e ainda me lembro de suas palavras, conselhos e exemplo. Não foram meramente as palavras do Jonas e da Ellen que me influenciaram. Mas, o ambiente de amor, aceitação, segurança e sinceridade que proporcionaram uma comunhão entre nós de tal maneira que eles puderam derramar a vida deles em mim. O Pai foi glorificado pelo fruto que eles produziram.

No inicio de 1993 fui convidado pelo pastor Edemar Lamarques a dar aulas na Escola Adventista de Corumbá, MS e lá fiquei por dois anos, 1993 e 1994. Fui professor de educação física, ensino religioso, OSPB e educação moral e cívica. Ao ser transferido para a escola adventista de Dourados, MS, lecionei apenas um trimestre e pedi demissão. Eu não poderia continuar perdendo tempo com um emprego que não fazia e nem faria parte da carreira que eu almejava. Decidi estudar que retomaria os estudos.

De 1995 a 1999, terminei o segundo grau supletivo e iniciei a faculdade de Administração de Empresas. Passei em um Sebo e comprei 30 livros sobre comunicação e oratória, li todos e por circunstância mudei minha carreira de rumo, abandonei a idéia de ser pastor e planejei focar minhas atenções na carreira de consultoria empresarial. Enquanto estudava e vendia produtos naturais, esporadicamente realizava alguns serviços de consultoria. Planejei que ao me formar abriria uma empresa de consultoria denominada: “Spurgeon comunicação eficaz”.

Em Dourados exerci a liderança na igreja de maneira muito intensa, especialmente na liderança de jovens. Em 1995 conheci a Marilene Soares Silva, uma mulher fantástica, namoramos três anos e nos casamos em 20 de dezembro de 1998. Com um ano de casados, Deus me chamou novamente e definitivamente para ser um pastor. Inicialmente resisti ao chamado por ter diante de mim uma carreira nova e promissora. Todavia, não pude resistir, abandonei o curso e o inicio da carreira, vendi a casa que estava em construção e mudamos para o Unasp-ec, onde permanecemos por quatro anos.

Um fato aconteceu antes de nos mudarmos. Havia fechado contrato de consultoria por cinco dias com uma empresa da cidade Cáceres – MT. Viajei deixando tudo pronto para a mudança, pois de lá, já viajaria para Engenheiro Coelho para estudar. No terceiro dia de consultoria o proprietário da empresa me chamou e propôs me contratar oferecendo uma proposta irrecusável. Nem consultei minha esposa, afirmei que não poderia aceitar a proposta por estar deixando a carreira para estudar teologia, mas que no meio do ano (nas férias) eu poderia atendê-lo por um mês e meio. Fechamos contrato. Terminei o serviço e viajei para a minha nova casa no Bairro Universitário em Engenheiro Coelho, SP. Percebi com esse ocorrido a tentativa do inimigo me tirar do propósito de Deus para a minha vida.

Durante a jornada de estudo no Unasp-ec fizemos muitos amigos e participar do Clube de Desbravadores Flamboyant foi marcante para nós. Por três anos fizemos parte da diretoria do Clube, pude contribuir com o crescimento e desenvolvimento de vários juvenis e adolescentes. Como membro da diretoria do Diretório Acadêmico do Seminário de Teologia, tive a oportunidade de ser o editor da revista Seminarista. No terceiro ano o programa de estágio em evangelismo me conferiu o aprendizado prático de liderança da equipe de obreiros e da execução da série evangelística na cidade Dourados, MS.

Hoje o reflexo dessa experiência evangelística me serve de aprendizado por contraste em liderança discipuladora. A conferência ocorreu em três meses. Cerca de 400 estudos bíblicos foram realizados nas casas dos moradores da Vila Almeida e mais de 200 pessoas foram atraídas a cada noite para as programações de proclamação. Os resultados foram maravilhosos: Um novo templo foi construído, quase 40 fumantes abandonaram o cigarro e 43 pessoas foram batizadas. Quatro anos depois da realização da conferência eu fui enviado como pastor daquela congregação. Dos 43 batismos realizados, apenas 2 pessoas permaneciam fiéis ao Senhor. O Senhor afirmou em João 15:16 que os Seus seguidores foram escolhidos e designados para produzir fruto. Um tipo de fruto que permaneça. Definitivamente não era este tipo de fruto que o Senhor nos designou para produzir.

**Ministério Pastoral**

No ano do término do curso, escrevi um livro sobre oratória denominado: Superação na comunicação – 365 dicas para se comunicar com sucesso.

Ao terminar o curso em 2003 recebemos um chamado para atuar no ministério na cidade Ponta Porã, MS e lá permanecemos por três anos. O primeiro ano foi o ano da exploração das novidades e conhecimento das nuances do ministério. O segundo ano [2005] foi o ano da decepção e da renovação. Eu percorria cerca de 300 km de uma ponta a outra em meu distrito pastoral para cuidar de 13 congregações e 750 membros. Estava decepcionado por não conseguir motivar a igreja. Tinha a impressão de que a igreja no meu distrito só andava quando o pastor estava à frente falando, motivando, inspirando. Sentia-me incompetente para cuidar de tantas pessoas em tantos lugares. Corria de um lado para o outro, muitas vezes ficava uma semana inteira fora de casa cuidando da igreja nas diversas cidades do distrito. Mesmo assim, a igreja não reagia ao cumprimento da missão. Fui um ano decepcionante.

2005 também foi um ano de renovação. A Associação Sul Mato-Grossense passou a fazer parte da nova União Centro Oeste Brasileira. O inicio da UCoB foi marcado pela realização de um concilio onde os pastores Russel Burril e David Cox palestraram a respeito da teologia da missão da igreja. Eles apresentaram o conceito de comunidade na Bíblia e o papel de cada membro do corpo de Cristo ao desenvolver o seu ministério. Outra influencia positiva que iniciou no concilio foi o contato com o presidente da UCoB, pastor Helder Roger Ele me ensinou a olhar para o ministério de maneira diferente do que havia aprendido. Ele me ajudou a ver a igreja e a missão da igreja de forma relacional. Passei a amar os pequenos grupos e a entender que eles eram necessários para criar o ambiente ideal para que o discipulado acontecesse. Foi um concilio de renovação para mim.

Naquele ano e nos anos subseqüentes o pastor Helder fez algo inovador. Escolheu três distritais de cada Campo para participarem do Concilio de Planejamento da União. Tive a oportunidade de participar de três concílios desses como pastor distrital. Os planos que os departamentais e administradores delineavam, eram submetidos a apreciação e julgamento da equipe de pastores distritais para analisarmos a prática e aplicabilidade dos planos. Ano passado, a quantidade de distritais e membros da igreja era maior do que o numero de departamentais e administradores. Para ele as pessoas, realmente, são importantes. Aprendi com o exemplo do pastor Helder a ser um líder que valoriza a opinião das pessoas e compartilha a liderança com elas.

A mudança na maneira de ver a igreja e a compreensão da missão que Deus me dera como líder espiritual também foram construídas com a leitura de quatro livros que comprei no concilio da UCoB: *Uma igreja com propósito*, de Rick Warrem; *Redescobrindo a igreja*, de Lynn e Bill Hybels, *A igreja que você sempre quis*, de Glenn Wagner e *Como reavivar a igreja do século 21,* de Russel Burril. O contato com esses livros me fez pensar em uma igreja onde os membros não fossem tão dependentes dos pastores, mas, que pastoreassem uns aos outros; uma igreja onde os membros soubessem os seus dons e os usassem para servirem uns aos outros e a comunidade onde estavam inseridos.

Em 2006 a União separou os pequenos grupos do ministério pessoal e acrescentou mais um departamental para cuidar dessa área. O pastor escolhido para o Mato Grosso do Sul foi Charles Fabian Costa Fernandes, vindo de Mossoró, RN. Este pastor foi o meu discipulador. Ele me ensinou na prática sobre os pequenos grupos e sobre o discipulado. Não pude implementar essa nova visão de ministério em meu primeiro distrito. Eu sabia que não poderia iniciar a mudança atuando na massa e sim de maneira lenta e progressiva. A quantidade de igrejas e a distância entre elas não me permitia iniciar uma nova caminhada.

Em 2007 fui transferido para a cidade de Dourados e lá experimentei uma verdadeira revolução em meu ministério. Primeiramente, Deus presenteou a nossa família com o nascimento do nosso primeiro filho, Rafael. Tornar-me pai foi uma experiência única em minha vida. Ao observá-lo e cuidá-lo pude entender melhor o amor e cuidado de Deus por mim. Ele tornou-se o meu discípulo mais intimo. Pude relacionar o meu papel como pai espiritual das minhas ovelhas com o meu novo papel de pai biológico.

Quanto ao ministério, ao chegar em Dourados deparei-me com 850 pessoas carentes que esperavam pela atuação do pastor na vida delas. Minha agenda estava sempre lotada, meu corpo sempre estafado e minhas ovelhas sempre sozinhas. Elas cumpriam com exatidão o perfil da grande multidão que acompanhava Jesus na Palestina: “pessoas cansadas e abatidas como ovelhas que não tem pastor” (Mateus 9:36). A nossa igreja havia se tornado um corpo que perdera o seu sentido de ser. Não estávamos ligados uns aos outros. Nem mesmo os programas estavam conseguindo se autossustentar e tão pouco atrair para si as pessoas desconexas de Deus e umas das outras.

De quem era a culpa? Com certeza era minha. Os membros da minha igreja eram como ovelhas que não tinham pastor. Eu não os pastoreava. Nem sequer tinha conhecimento das necessidades individuais de cada uma. Mesmo que quisesse, era impossível cuidar de tantas pessoas em uma área geográfica tão desafiadora.

Alguma coisa tinha que acontecer. E, aconteceu. O ministério de Cristo foi o parâmetro para a mudança. Poucas pessoas, profundos relacionamentos. Um grupo de 15 pessoas foi formado a custo de muita oração e submissão à escolha de Cristo. Sete meses de intimidade, cuidado, oração, edificação mútua, relacionamentos profundos, carinho e luta para aprender a amar. Estávamos nos tornando um corpo. Aprendendo a viver como uma família. Descobrindo juntos que os pressupostos bíblicos de relacionamentos são praticáveis, saborosos e transformadores.

No início, os relacionamentos eram superficiais, mas a medida em nos relacionávamos, mais nos amávamos e sentíamos a falta um do outro. Estávamos experimentando o amor divino em ação e sentindo-nos à vontade para arrancar as nossas máscaras e buscar apoio uns nos outros.

Em uma sexta-feira, um dos nossos membros me ligou pouco antes da reunião, dizendo estar cansado da semana estafante que tivera. Eu lhe perguntei se gostaria de descansar aquela noite. Ao responder que sim, eu lhe disse que fosse à reunião do grupo que lá encontraria descanso para a sua alma. Ele disse que iria pensar, mas acabou não indo. No início da reunião expus ao grupo o contato que tive com este membro cansado, justificando a falta dele. Então, algo maravilhoso aconteceu. A pessoa mais velha do grupo ligou para este jovem e apelou que viesse, pois ele e a sua esposa eram muito importantes para o grupo. Sucessivamente, cada membro do grupo expressou, ao telefone, uma frase de apresso e convite para que viessem. De repente a minha esposa lançou mão à chave do carro e gritou ao telefone: - “estou indo ai para pegar vocês”.

Alguns minutos depois, eles chegaram. Naquela noite houve uma dinâmica preparada por um integrante do grupo. Ele entregou uma peça de quebra-cabeça para cada um de nós e pediu que montássemos o quadro. Uma linda paisagem foi montada. Ele virou o quadro e no verso de cada peça havia o nome de cada um de nós e ao centro um circulo com o nome: Jesus Cristo. O Jairo foi o primeiro a falar sobre o que aprendeu com a dinâmica. “se nós não viéssemos, o quadro ficaria incompleto”.

Éramos uma pequena célula recém-fecundada. Esta célula no corpo humano é conhecida como zigoto e possui em seu DNA um forte poder de reprodução. Os outros oitocentos e trinta e cinco membros continuavam cansados e abatidos, continuavam sendo ovelhas sem pastor. Mas este grupo protótipo era a esperança de poder alcançar cada um deles.

O corpo desenvolveu-se, multiplicou-se e mais pessoas passaram a viver os propósitos de Deus para elas. Primeiramente foram formados cinco novos grupos. Como já existia um grupo formado, agora a igreja passou a possuir seis grupos de relacionamentos amorosos. Poucas pessoas dentro de cada grupo, vivendo relacionamentos profundos com Deus e uma com as outras. Amando e sendo amadas, pastoreando e sendo pastoreadas, cuidando e sendo cuidadas, servindo e sendo servidas, ministrando e sendo ministradas, edificando e sendo edificadas.

Nesse período, o Jairo experimentou na prática o significado do ‘quadro completo’. A igreja entrou em ação em um momento em que ele precisou. Sua sogra faleceu e as despesas funerárias eram altas demais para a sua família. Lembro-me de ter falado com ele naquela sexta-feira de manhã e me assentado em uma cadeira de balanço para fazer algumas ligações telefônicas. Liguei para os líderes dos Pequenos Grupos que compunham a nossa rede de apoio e pastoreio. Solicitei a eles que ligassem para seus membros e solicitassem apoio financeiro ao Jairo quanto às despesas funerárias de sua sogra. Naquela noite, cada pequeno grupo se reuniu, orou pela família do Jairo, realizou a coleta das ofertas e se dirigiu para o salão fúnebre. No dia seguinte, sepultamos aquela senhora. O Jairo e a Rose não arcaram com as despesas sozinhos. Eles descobriram que sua família era maior do que julgavam ser. Nós realmente nos importávamos uns com os outros.

Os grupos se multiplicaram e a família aumentou. Meu ministério estava sendo relevante. As ovelhas estavam sendo pastoreadas. Os membros da igreja estavam experimentando o ideal de Deus para eles: viver em profunda comunhão com Deus e uns com os outros para serem capazes de amar a Deus e ao próximo. Agora a vida cristã fazia sentido.

Ao completar dois anos de ministério em Dourados, o pastor Charles foi chamado para ser professor universitário e eu fui nomeado para ocupar o seu lugar na Associação. Mudamos para Campo Grande e eu passei quase três anos fazendo discípulos nas cidades do Mato Grosso do Sul. Passava a maior parte do meu tempo em contato direto com os pastores. Minha missão era ajudá-los a experimentar o que eu havia experimentado no distrito.

A maioria dos treinamentos realizados pela Igreja Adventista eram apenas teóricos. Nesse modelo os líderes em treinamento se assentavam à frente do treinador para ouvir um conteúdo, ver imagens relacionadas ao assunto, fazer anotações e voltar para casa. Outros treinamentos são teóricos/práticos. Nesse modelo o líder em treinamento recebe a teoria e uma tarefa prática para realizar. O treinamento que recebi do meu discipulador foi diferente dos modelos praticados na igreja. Ele me ensinou seguindo o modelo prático/teórico. E foi esse modelo que usei para treinar pastores e com a finalidade de consolidar o trabalho que o pastor Charles havia iniciado.

Muitos pastores me indagavam a respeito de um manual com dicas e sugestões que eles deveriam seguir para implantar o programa de discipulado na igreja. Todavia, da maneira como fui discipulado, eu resistia a ideia de oferecer-lhe um manual, pois a essência do treinamento prático/teórico é o relacionamento entre o treinador e a pessoa em treinamento. Dessa maneira derramei a minha vida em outras vidas e tive o privilégio de discipular pastores discipuladores.

Em 2009 tivemos nosso segundo bebê. No dia 19 de outubro nasceu a Rebeca Soares Rosa. Ativa, inteligente, e muito comunicativa. Começou a andar cedo com 10 meses. E desde cedo foi muito expressiva e comunicativa. A convivência com meus dois filhos e a percepção das diferenças entre eles me fez ver que muitas competências de liderança estão presentes na carga genética das pessoas. A minha filha que é dois anos mais nova que o irmão, é mais decisiva, perseverante, proativa e determinada que ele. Observá-los me leva constantemente a reflexões sobre liderança.

No final de agosto de 2011 fui chamado para ocupar a mesma função na Associação Planalto Central com sede em Brasília. Mudamos no final de setembro. Hoje moramos na QE 21, conjunto F, casa 12, Guará 2, DF.

Minha primeira conversa com o meu presidente em Brasília foi sobre liderança. Ele mencionou o motivo do chamado, afirmou que ao visitar as igrejas que compõe a Associação, tem observado uma igreja enferma e fraca espiritualmente, desfocada da missão e sem consciência da sua situação. Segundo ele a necessidade primária da igreja no território da Associação seria a formação de líderes discipuladores que exerçam influencia espiritual na vida dos membros da igreja para que esses membros cresçam em Cristo e amadureçam espiritualmente ao ponto de serem enviados para se reproduzirem na vida de pessoas que ainda não conhecem a Cristo de maneira que também se tornem discípulos de Cristo.

Meu dia a dia hoje é voltado para o desenvolvimento de pessoas. Pela manhã dedico um bom período de tempo para interceder nominalmente e especificamente por meus discípulos. Dois dias por semana são separados para estar no escritório estudando e atendendo aos pastores e membros de igreja que buscam ajuda. Os outros três dias da semana são dedicados para passar tempo com os pastores, individualmente, a fim de ser um instrumento nas mãos de Deus para o crescimento do pastor em todas as áreas da vida. A minha realização e ver a realização e o crescimento dos discípulos. E a maior realização deles é quando começam a reproduzir na vida dos membros da igreja aquilo que faço por eles.

O programa de mestrado foi para mim a oportunidade de desenvolvimento pessoal, pensando em beneficiar os meus discípulos. O trabalho de pesquisa que o estudo está me possibilitando realizar estará focado na necessidade que a Igreja Adventista possui de se apropriar da Grande Comissão dada por Cristo, descongestionar o caminho do discipulado, arregaçar as mangas e assumir o seu papel de ir e fazer discípulos.

**Minha missão**

Discipular pessoas para crescerem e amadurecerem em Cristo para exercerem o seu ministério como discipuladoras.

**Minha visão**

Ser um discípulo maduro que investe a vida no desenvolvimento de outras pessoas

1. **COMPETÊNCIAS**

**LIDERANÇA PESSOAL**

1. **Fundamentos Filosóficos**

Os fundamentos filosóficos de um líder são formados no decorrer da vida. Não há uma experiência ou meia dúzia delas que sejam suficientes para que o líder tenha visão apurada de um mundo em constante transformação. A maneira como vemos o mundo hoje é, em parte, o resultado das influências recebidas na família e na sociedade que nos cerca. Um exemplo claro é a comparação que o vaqueiro faz das mulheres difíceis de se relacionarem, chamando-as de vacas bravas.

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| **Experiências passadas** | **Descrição** | **Documentação** |
| 1. Autoria do livro Superação na comunicação | Livro sobre dicas de oratória lançado em 2003 | O livro |
| 1. TCC de graduação | Trabalho sobre a filosofia dos pequenos grupos | Página de rosto com as assinaturas da aprovação |
| 1. Simpósio de Pequenos Grupos da ASM | Idealização e Organização | Folder e revista do Simpósio |
| 1. Simpósio de Pequenos Grupos da Ucob | Participação dos seminários | Folder e revista do Simpósio |
| 1. II Fórum de pequenos grupos da DSA | Participação das discussões | Pasta e crachá |
| 1. I Fórum de pequenos grupos da ASM | Palestra sobre a filosofia do evangelismo relacional | Folder e DVD |
| 1. Treinamento para supervisores de PG em Cuiabá | Palestra sobre a filosofia do evangelismo relacional | Fotos e voto do convite |
| 1. Treinamentos para lideres de PG no MS | Palestras sobre a filosofia dos PGs | Fotos e avaliações |
| 1. Série de conferência evangelística | Organizador e palestrante | Fotos e avaliação do evangelista |
| 1. Folder: Comunidade de amor | Texto sobre a filosofia dos PGs | Folder |
| 1. WorkShop da Franklin Covey | Participação dos seminários | LQ |
| 1. Semana de oração do estágio de teologia | Semana de oração em Taquarussu – Cpo Gde, MS | Boletim da igreja |
| 1. Batismo na IASD |  | Certificado de batismo |
| 1. Professor de Biblia | Período de decência na Escola Adventista de Corumbá, MS | Carteira de trabalho |
| 1. Material sobre estudo relacional da Biblia | Guias de estudo relacional para pequenos grupos | Os guias |
| **Experiências planejadas** | **Descrição** | **Documentação** |
| 1. Autoria do livro evangelismo relacional | Livro sobre evangelismo relacional em 2012 | O livro |
| 1. Preparo de um filme | Filme sobre Evangelismo Relacional | O DVD |
| 1. Treinamentos | Treinamentos dados para pastores e líderes | Fotos e avaliação do evento |
| 1. Treinamentos | Treinamentos dados para pastores e líderes | Fotos e avaliação do evento |

Bibliografia